



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

STORYTELLING IN THE LITERACY PROCESS

Thiago Santos da Conceição¹
Verônica dos Reis Mariano Souza²

RESUMO: Este artigo investiga as estratégias de contação de histórias no processo de alfabetização em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública em Aracaju. O estudo tem como objetivo analisar como a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais. A pesquisa fundamenta-se no princípio da importância da leitura literária e da mediação pedagógica na formação do leitor em autores como Champloni (2017), Garcia (2018) e Soares (2009). Trata-se de um estudo qualitativo, com características de pesquisa-ação, que articula teoria e prática por meio de oficinas de contação de histórias, que ocorreram entre os meses de novembro e dezembro de 2024. O planejamento das atividades incorporou estratégias lúdicas e interativas, com o uso de fantoches, jogos pedagógicos, dinâmicas reflexivas e o uso da lousa digital, que potencializou o engajamento dos alunos e facilitou a compreensão dos textos narrativos. Os resultados indicam que a contação de histórias contribui significativamente para o processo de alfabetização e letramento, ao estimular a compreensão, a interpretação e o prazer pela leitura. Metodologias participativas, centradas na experiência ativa das crianças, favorecem a motivação para a leitura e o desenvolvimento da competência leitora.

Palavras-chave: Alfabetização. Contação de histórias. Formação do leitor. Literatura infantil. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT: This article investigates storytelling strategies in the literacy process in a first-grade class at a public elementary school in Aracaju. The study aims to analyze how storytelling can contribute to the development of reading and writing in the early years. The research is based on the principle of the importance of literary reading and pedagogical mediation in reader formation, as discussed by authors such as Champloni (2017), Garcia (2018), and Soares (2009). This is a qualitative study, with action-research characteristics, that articulates theory and practice through storytelling workshops, which took place between November and December 2024. The planning of the activities incorporated playful and interactive strategies, with the use of puppets, educational games, reflective dynamics, and the use of a digital whiteboard, which enhanced student engagement and facilitated the understanding of narrative texts. The results indicate that storytelling contributes significantly to the literacy process by stimulating comprehension, interpretation, and the enjoyment of reading. We also observed that participatory methodologies, centered on the active experience of children, favor motivation for reading and the development of reading competence.

Keywords: Children's literature. Literacy. Storytelling. Pedagogical practices. Reader training.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0425-9736>
E-mail: santoscthiago17@gmail.com

² Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (DED-UFS) e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8211-5123> E-mail: veronicamariano@live.com



INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste artigo surgiu durante a disciplina de Alfabetização, momento em que o autor foi profundamente tocado pelos debates e reflexões sobre as práticas pedagógicas voltadas aos anos iniciais. Nesse contexto, a contação de histórias despertou um interesse especial, não apenas por sua beleza e encanto, mas, principalmente, por seu potencial como ferramenta de apoio ao processo de alfabetização e letramento. A afetividade em relação à contação de histórias já existia, mas, ao longo da disciplina, foi possível enxergá-la sob outra perspectiva: como um recurso pedagógico poderoso que alia ludicidade e aprendizagem. A descoberta do potencial desse universo narrativo como facilitador para o desenvolvimento da leitura e da escrita foi determinante, e esse encantamento direcionou a escolha do tema. Foram utilizadas as obras *Literatura Infantil: gostosuras e bobices* (Abramovich, 1997) e *Leitura na escola: espaço para gostar de ler* (Rangel, 2012) como instrumentos pedagógicos para as oficinas de contação de histórias, devido à sua relevância na abordagem do prazer pela leitura e da formação de leitores.

A reflexão sobre a própria trajetória escolar, marcada pela ausência desse tipo de prática, reforçou o desejo de investigação e valorização da contação de histórias como aliada da aprendizagem da língua escrita nos anos iniciais. A união entre afeto, ludicidade e intencionalidade pedagógica torna possível a transformação da maneira como as crianças se aproximam do mundo letrado. A leitura e a literatura desempenham papéis fundamentais na formação dos indivíduos, tanto no aspecto cognitivo quanto no desenvolvimento da identidade. A contação de histórias, em particular, é uma ferramenta poderosa no processo educacional, capaz de despertar o interesse pela leitura e estimular a imaginação. O trabalho de Champloni (2017) destaca a importância da formação do leitor desde cedo, considerando a leitura como um portal para novos mundos e perspectivas. Garcia (2018) reforça essa visão, ao argumentar que a leitura e a literatura são essenciais para a construção da identidade do sujeito leitor. A história da contação de histórias, embora pareça distante do campo da literatura, também contribui para o entendimento de como a leitura de diferentes textos pode influenciar o conhecimento e a percepção do mundo (Lida; Crepaldi, 2017).

Oliveira (2021) oferece um guia prático para a contação de histórias, com estratégias para envolver crianças no processo de alfabetização. Oliveira e Scherer Júnior (2019) abordam os fundamentos e planejamentos necessários para a implementação dessa prática no ensino fundamental, enquanto Silva et al. (2019) e Silva, Vaz e Barbosa (2018) compartilham experiências de trabalhos colaborativos que transformam a contação de histórias em um meio



de engajar crianças na leitura. Por fim, Sousa, Oliveira e Alves (2021) discutem os princípios e fundamentos da pesquisa bibliográfica, processo intrinsecamente ligado à leitura e ao desenvolvimento intelectual.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos principais: o primeiro aborda a leitura e a formação da identidade do leitor, evidenciando, com base em autores como Champloni (2017), Garcia (2018) e Lajolo (1982, 2005), que o desenvolvimento do gosto pela leitura está diretamente relacionado às práticas de mediação, como a contação de histórias, e à criação de ambientes alfabetizadores que valorizem a leitura como prática social e prazerosa; o segundo discute o uso da lousa digital como ferramenta pedagógica no processo de alfabetização, destacando a importância dos recursos tecnológicos e audiovisuais na construção de aulas mais dinâmicas e interativas; e o terceiro apresenta a análise e a discussão dos dados da pesquisa de campo, descrevendo as atividades desenvolvidas, as metodologias empregadas e os avanços observados nos alunos.

Por fim, a conclusão retoma os objetivos e resultados da investigação, reafirmando que a contação de histórias é uma prática pedagógica eficaz para a alfabetização, por favorecer o interesse pela leitura, o desenvolvimento da oralidade e da escrita, e por apontar a necessidade de formação continuada de professores e investimentos em melhores recursos escolares.

A LITERATURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Abramovich (1997) aborda diversos aspectos relevantes para educadores e apreciadores desse gênero literário. Entre esses aspectos, a autora destaca, o papel da imaginação como motor da experiência literária, com o objetivo de mostrar que as histórias permitem à criança experimentar mundos simbólicos e ampliar sua capacidade criativa; o uso do humor como recurso afetivo e pedagógico capaz de aproximar os pequenos leitores da narrativa, tornando o encontro com o texto mais leve e prazeroso; a importância da poesia, que trabalha ritmo, musicalidade e sensibilidade estética, para estimular a linguagem de maneira lúdica; e a força dos contos de fadas, que contribuem para a elaboração de emoções, medos e conflitos. O que leva a construir um repertório simbólico essencial para o desenvolvimento infantil.

A autora enfatiza que os elementos literários imaginação, humor, poesia e narrativa simbólica são decisivos para aproximar a criança do livro e favorecer a construção de significado durante a leitura, o que torna a contação de histórias uma prática potente no processo de alfabetização.



De início, a autora explora a forma como histórias podem ser transmitidas sem depender exclusivamente do texto escrito, incentivando a imaginação e a criatividade das crianças. Ela enfatiza, ainda, que o uso do humor é uma ferramenta poderosa para envolver e cativar jovens leitores. Abramovich discute como os elementos cômicos podem enriquecer as histórias.

Com relação à poesia, a autora afirma que essa é uma forma de expressão a qual estimula a sensibilidade e a linguagem. A obra explora como a poesia pode ser introduzida às crianças de maneira lúdica e inspiradora, além do que é apresentada como nos contos de fadas, já que eles têm um lugar especial na literatura infantil. A autora analisa sua relevância e como essas histórias atuam no imaginário das crianças.

De maneira direta e clara, a autora argumenta que é fundamental ensinar as crianças não apenas a ler, mas também a apreciar a leitura de maneira crítica desde os primeiros anos de vida. A obra discute diversas estratégias pedagógicas e práticas que os pais e educadores podem adotar para cultivar essa habilidade essencial, que não se limita apenas à decodificação de palavras, mas sim à compreensão profunda e à análise reflexiva dos textos.

Além disso, a autora ressalta a importância crucial das bibliotecas como espaços de acesso democrático à literatura. Elas não apenas oferecem uma vasta gama de livros para todos os públicos, além do mais desempenham um papel fundamental em influenciar positivamente o gosto pela leitura. Ao proporcionar um ambiente acolhedor e estimulante, as bibliotecas incentivam as crianças e jovens a explorarem novos gêneros literários, descobrirem novos autores e desenvolverem uma relação íntima e duradoura com os livros.

Nogueira (2012), em sua obra, explora as práticas de leitura desenvolvidas em escolas de ensino fundamental. De forma direta e com base na visão de alguns autores que exploram/citam a obra, a autora investiga a diferença entre a leitura da escola e a leitura na escola, bem como questões pedagógicas relacionadas à formação do público leitor.

A compreensão de os conceitos de alfabetização e letramento é essencial para a prática pedagógica, porque permite ao professor planejar intervenções que articulem o ensino do sistema de escrita ao uso social da língua. De acordo com Soares (2009, p.18), “[...] letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Esse conceito evidencia que o processo de aprender a ler e escrever vai além da mera decodificação de signos linguísticos, envolvendo também a capacidade de utilizar a linguagem escrita nas práticas sociais.



Soares (2009, p.31) define alfabetização como “a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto” no que diz respeito a “[...] alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto”. Nessa perspectiva, é o processo do sistema convencional de escrita. Não basta alfabetizar no sentido restrito de ensinar o sistema gráfico da língua. É necessário letrar, ou seja, inserir os sujeitos em contextos significativos de uso da escrita, o que possibilita que os leitores atribuam sentido aos textos e se tornem participantes ativos na sociedade letrada. A prática docente deve considerar tanto a aquisição do código quanto o desenvolvimento de competências que permitam aos alunos interagirem criticamente com os textos, promovendo, assim, uma aprendizagem mais ampla, contextualizada e socialmente relevante. Ensinar o código é necessário para que o aluno tenha acesso ao universo escrito; porém, desenvolver competências interpretativas e críticas é o que possibilita que ele atribua sentido aos textos, estabeleça relações com sua realidade, formule opiniões e participe ativamente das práticas sociais de leitura e escrita.

Para Rangel (2012), a leitura da escola refere-se aos materiais didáticos e textos utilizados no contexto escolar, muitas vezes focados em conteúdos específicos. Essa leitura está diretamente ligada ao currículo e aos objetivos educacionais. Enquanto a leitura escolar envolve práticas mais amplas, tais como a formação de hábitos de leitura, o acesso a diferentes gêneros literários e a promoção do prazer pela leitura. Aqui, a ênfase está na experiência do aluno como leitor e na construção de uma relação positiva com os textos.

Com isso, a autora explora o modo como projetos de leitura podem ser implementados para incentivar o gosto pela leitura entre os alunos. Isso pode incluir clubes de leitura, desafios literários e atividades que explorem diferentes gêneros (contos, poesia, romances etc.). Além dos projetos, ela considera importante as atividades diárias de leitura, o que envolve a seleção de textos variados, discussões em sala de aula, análise crítica e reflexão sobre o que foi lido.

Sobre “Avaliação e Erros”, na avaliação da leitura a autora discute métodos, como análise de compreensão, interpretação e fluência. É fundamental que a avaliação vá além da mera correção ortográfica porque a leitura envolve muito mais do que identificar erros formais. Ou seja, trata-se de compreender, interpretar, construir sentidos e reconhecer diferentes propósitos comunicativos. Uma avaliação limitada apenas ao acerto gráfico não revela o desenvolvimento real do aluno enquanto leitor, nem permite que o professor identifique avanços em aspectos como fluência, compreensão, estratégias de inferência e capacidade de argumentação. Ela também destaca que durante a leitura, os alunos podem cometer erros, e



isso faz parte do processo. Os educadores devem abordar esses erros de forma construtiva, incentivando a aprendizagem e a autoconfiança.

A importância de criar um ambiente propício à leitura na escola. Isso envolve não apenas o acesso a livros, além do cultivo do prazer pela leitura e da formação de leitores críticos e apaixonados, ou seja, todos esses pontos são propícios para a contação de histórias e, mais uma vez, é necessário destacar a importância dessa para a alfabetização infantil.

A LEITURA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO LEITOR

Inicialmente, para uma contação de histórias eficaz, precisamos selecionar um texto com o qual o contador estabeleça vínculo afetivo, pois a conexão emocional com a narrativa favorece uma apresentação mais envolvente. Quando o contador se envolve afetivamente com a história, ele transmite emoção, ritmo e intencionalidade de maneira mais natural, o que capta a atenção das crianças e favorece sua participação. A escolha de um texto significativo também amplia o engajamento do professor, que passa a narrar com maior segurança e entusiasmo elementos essenciais para transformar a contação em uma experiência pedagógica envolvente e significativa. Realizar uma leitura atenta, compreendendo a estrutura da história, os personagens e o ritmo narrativo. No momento da contação, o uso expressivo da voz, dos gestos e do olhar contribui para dar vida à narrativa e capturar a atenção do público. Além disso, a construção de uma relação empática com os ouvintes é essencial, permitindo pausas, interações e expressões que tornam a experiência mais significativa. Acima de tudo, a história precisa ser narrada com sensibilidade e autenticidade, elementos que potencializam seu impacto pedagógico e emocional.

A leitura é um processo complexo que vai além do ato da simples decodificação de palavras; ela está profundamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos indivíduos. A maneira como as crianças se relacionam com os livros e os textos ao longo de sua vida escolar e pessoal tem implicações diretas na formação da identidade do leitor. No contexto da educação, compreender esse processo é essencial, pois a construção de uma identidade de leitor sólida contribui para o desenvolvimento de habilidades críticas, reflexivas e afetivas que transcendem o ambiente escolar, moldando o indivíduo em sua totalidade.

A formação do leitor é um processo gradual e contínuo que se inicia desde a primeira infância e se estende por toda a vida. Champloni (2017, pp. 85-86) ressalta que livros com linguagem clara e ilustrações atraentes despertam o interesse infantil pela leitura, tornando o ato de ler uma aventura prazerosa. Ainda pela ótica do autor, a leitura é um portal para novos



mundos, permitindo que o indivíduo desenvolva uma visão mais ampla da realidade. O contato com livros e textos é essencial para que a criança comece a construir sua identidade como leitor, e esse processo está intimamente ligado ao seu ambiente social, à mediação dos adultos e ao tipo de interação que ela tem com a leitura.

Segundo a Fundação Abrinq (2021), estimular a leitura desde cedo contribui significativamente para o desenvolvimento infantil, pois amplia a concentração, a memória, o raciocínio, a compreensão e a criatividade, ao mesmo tempo em que fortalece a linguagem oral. Em outras palavras, quanto mais precocemente a criança é exposta às práticas de leitura, maiores são os benefícios cognitivos e linguísticos que ela tende a desenvolver.

A infância é um período crucial para o desenvolvimento da identidade de leitor. Nessa fase, as crianças começam a compreender que a leitura é uma prática prazerosa e significativa. A partir das interações com os pais, professores e outros adultos, elas começam a associar o ato de ler com o prazer e o aprendizado. As primeiras experiências de leitura, a exemplo de contato com livros ilustrados, histórias contadas e atividades lúdicas ajudam a estabelecer a leitura como uma atividade positiva e interessante.

Não deve ser esquecido o papel do professor e dos pais na formação da identidade de leitor. Tanto no ambiente familiar quanto escolar, o papel do mediador é essencial para o desenvolvimento da identidade do leitor. Os professores e pais que incentivam e orientam a leitura, não apenas ensinam técnicas de leitura inclusive transmitem atitudes e valores que a criança irá internalizar. O ambiente de leitura, por conseguinte deve ser acolhedor e estimulante, com livros adequados à faixa etária e aos interesses das crianças.

A leitura, além de ser um processo cognitivo, deve ser conjuntamente um processo reflexivo. A formação de um leitor crítico é essencial para que ele desenvolva a capacidade de questionar, interpretar e analisar os textos de forma profunda. Segundo Lajolo (1982, 2005), a leitura crítica não se resume a entender o que está escrito; ela envolve um processo de reflexão sobre o conteúdo e suas implicações, o que permite ao leitor não apenas compreender o texto, além de formar suas próprias opiniões referentes ao que lê.

Alves (2024) afirma que “[...] a literatura é uma arte verbal que envolve uma visão de mundo e uma apresentação centrada na perspectiva do autor, que faz o uso dos elementos do mundo para auxiliar a criança leitora a construir seu universo cultural”. O ponto de vista de Alves (2024) sugere que a literatura desempenha um papel crucial no desenvolvimento da percepção que a criança tem do mundo, sendo um meio de aprendizado e exploração de diferentes realidades e valores.



A leitura crítica é exercício de autonomia, e isso traz a reflexão de que para o leitor tornar-se crítico, ele precisa ser incentivado a questionar o texto e a relacioná-lo a sua própria realidade. Esse processo começa quando a criança se sente à vontade para fazer perguntas sobre o que lê, para discordar de personagens ou até para imaginar finais alternativos. A leitura crítica envolve um movimento de autonomia e emancipação do leitor, que passa a ser capaz de pensar por si mesmo, refletindo quanto ao texto, de forma independente.

Garcia (2018) destaca que a leitura crítica não está limitada à compreensão superficial do texto, mas envolve uma análise profunda, que pode incluir questões sociais, culturais e políticas. Esse tipo de leitura permite que o sujeito desenvolva uma consciência crítica sobre o mundo à sua volta, capacitando-o a ser um agente transformador na sociedade, logo, a formação de leitores críticos é fundamental para o desenvolvimento de uma cidadania ativa e participativa.

A reflexão referente ao texto, conforme Lajolo (2005), é um processo intrínseco à formação de um leitor crítico. O ato de refletir acerca da leitura permite ao indivíduo estabelecer conexões com outros textos, identificar pontos de vista, contrastar diferentes ideias e, assim, expandir sua compreensão do mundo. A leitura reflexiva não é apenas um processo individual, bem como coletivo, uma vez que ela permite o compartilhamento de interpretações e a troca de ideias com outros leitores.

Além disso, a leitura crítica também pode ser vista como um exercício de empatia. Ao ler acerca de diferentes culturas, períodos históricos e realidades, o leitor tem a oportunidade de se colocar no lugar de outros, compreendendo suas experiências e perspectivas. Essa empatia é um aspecto importante da formação da identidade, pois permite ao leitor entender as complexidades do mundo e, assim, construir uma visão mais ampla e diversa da realidade.

No contexto escolar, a construção da identidade do leitor está relacionada ao acesso a diferentes tipos de textos e à mediação pedagógica que favorece a leitura crítica. A escola tem a responsabilidade de promover a leitura de maneira que ela se torne uma prática significativa e não apenas uma obrigação. Para isso, o ambiente escolar precisa oferecer uma ampla gama de textos, que envolvam tanto os clássicos da literatura quanto obras contemporâneas, possibilitando a construção de um repertório literário diversificado.

Uma característica importante da construção da identidade do leitor é o acesso a textos que tratam de diferentes temas, estilos e culturas. A literatura, ao apresentar uma variedade de perspectivas e experiências, oferece ao leitor a oportunidade de se reconhecer, além de se distanciar de sua realidade, criando um espaço de reflexão e de autoconhecimento. Quando a



escola proporciona esse acesso, o aluno tem a chance de se identificar com personagens e histórias que falam diretamente às suas vivências, ao mesmo tempo em que amplia sua visão de mundo, estabelecendo uma relação com o outro. Alves (2024) observa que as professoras entrevistadas recorrem ao uso de livros ilustrados e à seleção cuidadosa de histórias como estratégias para despertar o interesse das crianças pela leitura de forma lúdica. Além disso, fazem uso da leitura deleite e da dramatização como recursos pedagógicos que favorecem o engajamento dos alunos e ampliam seu repertório literário e cultural.

A autora deixa evidente que a utilização de livros ilustrados e histórias concentradas visa a incentivar o gosto pela leitura de maneira lúdica. Ao apresentar diferentes gêneros literários, essa abordagem amplia o repertório literário e cultural dos alunos. Além disso, o uso da leitura prazerosa (leitura de deleite) e da dramatização das histórias busca envolver os alunos de forma ativa, tornando a experiência de leitura mais interessante e participativa. Essa estratégia tem por objetivo tornar a leitura não apenas um aprendizado, mas uma experiência divertida e imersiva para as crianças

De acordo com Oliveira (2021), a diversidade literária é fundamental para que o leitor se perceba como sujeito ativo na construção de seu conhecimento e identidade. A leitura de obras que abordam diferentes questões sociais, culturais e históricas contribui para que os alunos desenvolvam uma compreensão mais crítica e plural da sociedade, além de contribuir para que fortaleçam seu senso de pertencimento a uma comunidade global.

No contexto escolar, a contação de histórias tem a capacidade de atuar como mediadora entre o conteúdo e os alunos, permitindo que estes últimos se aproximem do conhecimento de uma maneira mais prazerosa e significativa. De acordo com Oliveira (2021), a prática da contação de histórias não se limita a transmitir conteúdos prontos, mas sim a criar oportunidades para que os alunos construam seu próprio conhecimento, desenvolvam habilidades cognitivas e, simultaneamente, se envolvam com o mundo ao seu redor.

Quando um educador conta uma história para os alunos, ele não apenas transmite uma narrativa, mas também oferece uma chave para que o aluno acesse novos conhecimentos, conceitos e experiências. A mediação da contação de histórias está em criar pontes entre o mundo fictício das histórias e o universo de significados do aluno. Assim, por meio da história, os alunos são incentivados a refletir, questionar e, muitas vezes, reinterpretar o que já sabem ou acreditam sobre o mundo (Alves, 2024).

A prática da contação favorece ainda o desenvolvimento de habilidades de escuta e interpretação, essenciais para o aprendizado efetivo. Ao prestar atenção no enredo, nos



personagens e no desenvolvimento da trama, os alunos são estimulados a exercitar a memória, a empatia e a capacidade de entender a mensagem por trás da história.

A prática de ouvir e contar histórias tem um papel fundamental na aquisição da linguagem oral. Ao escutarem narrativas, as crianças aprendem a construir significados a partir de palavras e frases, além de desenvolverem a capacidade de seguir enredos complexos e aprimorarem a habilidade de fazer conexões entre o conteúdo da história e suas próprias experiências. A contação de histórias estimula a criança a se expressar, seja imitando a narrativa contada, seja criando suas próprias versões e complementos.

A contação de histórias oferece uma oportunidade única para trabalhar o vocabulário e as estruturas linguísticas de maneira contextualizada. O uso de palavras novas em contextos familiares e emocionais facilita a compreensão e a apropriação de novos termos. Além disso, a repetição de palavras e expressões nas histórias contribui para o aprendizado e a fixação do vocabulário, promovendo a fluência na comunicação verbal.

Mediante a contação de histórias, é possível trabalhar, inclusive, com diferentes tipos de gêneros textuais, como poesias, fábulas, contos de fadas e narrativas contemporâneas, o que amplia o repertório linguístico dos alunos e contribui para o desenvolvimento da capacidade de ler e interpretar textos diversos. Porém, algumas dificuldades devem ser levadas em consideração como o acesso aos livros, o fato de ter pais analfabetos, a falta de incentivo e formação do professor.

De acordo Santos (2024a, p.29), dois problemas centrais relacionados ao acesso à literatura, especialmente em contextos de famílias de baixa renda. O primeiro é o alto custo dos livros, que impede muitas crianças de terem acesso a materiais literários essenciais para seu desenvolvimento cultural e educacional. Além disso, a autora destaca a desvalorização da cultura do livro, o que contribui para a falta de incentivo à leitura em algumas comunidades. Esse fenômeno é ainda mais pronunciado em famílias que, devido à escassez de recursos, priorizam gastos com necessidades básicas, como alimentação e saúde, em detrimento da compra de livros. Nesse contexto, os livros são muitas vezes vistos como desnecessários ou um luxo, algo que pode ser adiado em prol de outras prioridades.

O cenário descrito aponta para a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre como a sociedade e o Estado podem garantir o acesso à literatura, de maneira mais ampla e inclusiva, especialmente para crianças de famílias em situação de vulnerabilidade social. A superação de barreiras, tal como a implementação de bibliotecas públicas acessíveis, projetos de distribuição de livros e ações educativas são fatores essenciais para que todos os indivíduos



tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento cultural e intelectual, independentemente de sua condição socioeconômica e, sobretudo, a presença de bibliotecas nas escolas, que não são utilizadas por falta de funcionários.

Além de favorecer a aprendizagem da língua, a contação de histórias tem um impacto profundo no desenvolvimento cognitivo das crianças. A habilidade de compreender e interpretar narrativas está ligada ao aprimoramento de várias funções cognitivas, como atenção, memória, raciocínio lógico e capacidade de resolução de problemas. As histórias, muitas vezes, apresentam dilemas, desafios ou problemas que os personagens precisam resolver. Esses aspectos das narrativas contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo da criança, incentivando-a a pensar sobre diferentes soluções para os problemas apresentados na história, e refletir sobre as escolhas feitas pelos personagens.

Santos (2024a) explica que desenvolver atividades de leitura nas quais os alunos conseguem se reconhecer, seja em situações, personagens ou temas, é essencial para despertar o gosto pela leitura. Quando a criança se vê representada, ela cria vínculos afetivos com a narrativa, o que aumenta a motivação, a atenção e o envolvimento durante a atividade. Essa identificação torna a leitura mais significativa, favorecendo tanto a compreensão quanto o interesse em continuar explorando novas histórias. Diante disso, podem-se apresentar diversas pautas como, por exemplo, enxergar na contação de histórias a capacidade de ensinar valores, ética e comportamentos sociais de maneira indireta, porém poderosa. Isso se dá uma vez que histórias são um meio eficaz para apresentar questões morais e sociais, de forma que as crianças possam refletir sobre elas sem sentir que estão sendo forçadas a adotar uma determinada posição. Através das experiências dos personagens e das situações descritas nas narrativas, os alunos podem aprender sobre amizade, respeito, solidariedade, honestidade e outros valores essenciais para a convivência em sociedade.

A análise de muitas histórias, especialmente fábulas e contos clássicos, mostra que elas possuem uma lição moral clara, o que permite aos educadores trabalharem com temas como justiça, ética e direitos humanos. Ao discutir com os alunos as decisões dos personagens e as consequências de seus atos, o educador pode promover a reflexão crítica relativa ao que é certo e errado, o que é justo e injusto, e como as escolhas pessoais influenciam o mundo ao nosso redor.

Embora a contação de histórias seja uma estratégia pedagógica altamente eficaz, sua implementação no ensino fundamental pode enfrentar alguns desafios. A falta de tempo no currículo escolar, a escassez de recursos didáticos, a resistência de alguns educadores em



adotar metodologias alternativas, e a falta de formação continuada podem ser obstáculos para a prática da contação de histórias nas escolas.

Entretanto, destacar que, quando bem implementada, a contação de histórias pode ser uma ferramenta pedagógica poderosa que potencializa o ensino e aprendizagem, desenvolvendo habilidades linguísticas, cognitivas e emocionais de forma integrada, daí porque deve ser vista como uma prática essencial no cotidiano escolar, que não ensina somente conteúdo, mas também promove a formação integral do aluno.

Em uma das suas atividades de campo, Santos (2024a, p.33) diz que “[...] ao solicitarmos que formasse o círculo algumas crianças mostraram resistência para participar”. Ao analisar de forma superficial a fala da autora, é factível imaginar uma falta de disciplina por parte da turma, porém, logo adiante, a autora mostra que “[...] eles se entusiasmavam quando a mesma levava recursos didáticos, fantoches, caixa mágica, imaginar algo que representasse a história”. Sendo assim, define-se essa resistência como curiosidade e entusiasmo.

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que oferece uma vasta gama de benefícios educacionais. Além de estimular a criatividade, melhorar o vocabulário, e desenvolver habilidades cognitivas e linguísticas, a contação de histórias também contribui para a formação de valores éticos e sociais, preparando as crianças para o mundo e para as interações sociais. Para que essa prática seja efetiva, é necessário que os educadores a utilizem de forma planejada e integrada ao currículo escolar, oferecendo aos alunos uma experiência enriquecedora que favoreça seu desenvolvimento integral.

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Este tópico apresenta a contação de histórias no contexto de uma turma do 1º ano do ensino fundamental, com foco na percepção de educadores, alunos e outros envolvidos no processo. A pesquisa pode explorar como a contação de histórias é aplicada na prática, as metodologias utilizadas, os desafios enfrentados pelos professores e os impactos dessa prática na motivação e no desenvolvimento dos alunos.

Dia 06/11/2024

Esta data foi o primeiro dia que compareci à escola da rede municipal, para conhecer os alunos - seis meninos e cinco meninas - do primeiro ano do ensino fundamental, e iniciar o projeto de contação de histórias. Durante o dia, tive a oportunidade de observar melhor cada aluno e estabelecer um primeiro contato, o que considero essencial antes de começar o trabalho



propriamente dito. Essa primeira aproximação é fundamental, pois permite criar um vínculo que deixa os alunos mais à vontade e interessados nas atividades futuras. Devo destacar que o espaço físico era climatizado, confortável, com a presença de tatame, e contava também com o auxílio de uma TV para a apresentação de recursos digitais multimodais. Ressalte-se como ponto negativo a falta de acessibilidade à biblioteca, uma vez que nenhuma das vezes foi utilizada para a prática educacional, devido à falta de funcionários no local.

Além disso, aproveitei para explorar o acervo da escola, lendo e analisando os livros disponíveis, a fim de identificar quais histórias seriam mais envolventes e adequadas para despertar a curiosidade e o entusiasmo das turmas. Fiquei animado para ver como os alunos iriam reagir às histórias escolhidas e como essa experiência contribuirá para o desenvolvimento deles em relação à leitura e à criatividade.

Imagem 1: Apresentação dos livros



Fonte: Acervo pessoal

Santos (2024a, p. 21) mostra que é perceptível que, apesar de a alfabetização e o letramento poderem atuar de forma separadas, o mais indicado é que, desde o princípio dos anos iniciais o professor alfabetize letrando, trabalhando a leitura de forma funcional em vários contextos sociais, possibilitando identificar que a contação de histórias é especialmente eficaz



no desenvolvimento das habilidades linguísticas das crianças. Por meio dessa prática, as crianças são expostas a novas palavras, expressões e formas de organização do discurso, o que contribui diretamente para o enriquecimento do vocabulário e a melhoria da capacidade de expressão oral e escrita.

Imagem 2: Livros do 1º dia



Fonte: Acervo pessoal

Dia 13/12/2024

Este foi o primeiro dia de contação de histórias. Antes de iniciar, vesti um jaleco caracterizado para chamar a atenção dos alunos, criando um clima especial e envolvente. Comecei cantando uma música para acalmá-los, utilizando uma garrafa pet pequena com milho de pipoca dentro como instrumento para produzir um som interessante, o que ajudou a captar a curiosidade deles. Em seguida, apresentei o livro que seria lido e que tem como título “O reizinho mandão”, de Ruth Rocha. A preparação antes da contação faz toda a diferença. A escolha de recursos como o jaleco caracterizado e o som da garrafa com milho pode transformar a experiência e despertar ainda mais o interesse das crianças pela história, tornando o momento muito mais envolvente e especial.



Organizei a turma em um círculo e pedi que todos se sentassem, criando um ambiente acolhedor e de proximidade. Durante a contação da história, notei que os alunos estavam muito atentos, interagindo e demonstrando grande interesse em cada detalhe do que era contado. Isso mostrou o quanto esse tipo de atividade pode ser significativo para eles.

Após terminar a história, selecionei a aluna Elisa para desenvolver algumas atividades de leitura. A primeira foi um exercício de caça-palavras. Entreguei a ela o material e pedi que fosse lendo as palavras, circulando cada uma que encontrasse. Foi muito satisfatório trabalhar essa atividade com Elisa, pois era visível seu interesse em aprender. A cada palavra que ela acertava, ela abria um grande sorriso. Embora tenha encontrado um pouco de dificuldade com palavras mais complexas, ela conseguiu completar toda a leitura.

Em seguida, propus uma segunda atividade: um jogo de bingo que também estimulava a leitura. O bingo continha quatro tabelas com nomes e figuras. Para marcar cada ficha no lugar correto, Elisa precisava ler a palavra escrita e encontrar a imagem correspondente no jogo. Essa atividade não somente reforçou a leitura, como também incentivou a associação entre palavras e imagens, contribuindo para o desenvolvimento da leitura e da compreensão.

Imagem 3: primeira contação de história



Fonte: acervo pessoal



De acordo com Adriano (2010), “Ao lermos em voz alta, o texto escrito está presente, o que cria uma triangulação na situação: a escrita, o leitor e aquele que escuta e observa a leitura. Esta triangulação é essencial para trabalharmos o desejo pela leitura e pela escrita”. O trecho retro destaca que a leitura em voz alta vai além de simplesmente decodificar palavras. Ao envolver o texto, quem lê e quem escuta, cria-se uma interação que desperta o interesse e o desejo pela leitura e escrita. Essa triangulação torna a leitura uma prática social e significativa, estimulando não somente a compreensão, mas também o encantamento pelo universo da linguagem escrita.

19/11/2024

Neste dia, uma terça-feira, foi mais um dia especial dedicado à contação de histórias, uma experiência sempre mágica com os alunos. A história escolhida desta vez foi “A menina que não tinha medo de nada”, escrita por Tonio Carvalho e ilustrada por Guto Lins. O enredo, cheio de imaginação e coragem, prendeu a atenção das crianças do início ao fim.

Para enriquecer a experiência, usei os recursos tradicionais que sempre funcionam bem para captar o interesse dos pequenos, mas decidi incluir um diferencial: levei imagens relacionadas aos nomes que surgiam ao longo da história. Esse detalhe visual foi um sucesso e contribuiu para aumentar ainda mais o envolvimento dos alunos. Eles ficaram atentos, curiosos e completamente imersos na narrativa.

Ao final da contação, abri espaço para uma conversa sobre a história. Fiz perguntas estratégicas para estimular a reflexão e, como sempre, fiquei encantado com a forma espontânea e criativa com que as crianças participaram. Depois disso, dediquei-me a um momento individual com a aluna Elisa, planejando atividades específicas para ajudá-la a superar algumas dificuldades. Usei algumas atividades para fortalecer o aprendizado dos alunos, umas delas foi o “ditado de palavras”. Para essa atividade, focamos nas palavras com **GL** e **PR**. Algumas delas foram: glorioso, globo, glória, glacial, príncipe, praça, preguiça, progresso e pronto. Também foi executada a separação silábica e leitura das palavras para estimular a fluência.

Champloni (2017) e Garcia (2018) ressaltam que os educadores têm um papel crucial na formação do leitor, especialmente quando criam experiências de leitura que sejam atrativas e motivadoras. Isso envolve, por exemplo, a escolha de histórias que despertem a imaginação dos alunos e incentivem a reflexão. Os professores devem ser mediadores que orientam os



alunos, proporcionando-lhes não apenas o entendimento do texto, outrossim permitem que se apropriem dele de maneira crítica e criativa.

Além disso, fiz uso do jogo Xalingo, uma ferramenta lúdica que estimula o reconhecimento e a formação de palavras, ajudando no processo de alfabetização. Elisa demonstrou muito interesse e desempenhou as atividades com dedicação. É lindo ver como ela se esforça e evolui a cada dia, sempre curiosa e disposta a aprender mais.

Encerrar o dia com essas interações tão significativas é muito gratificante. Momentos como esses mostram o quanto pequenas ações fazem grande diferença no desenvolvimento das crianças.

27/11/2024

No dia em questão, trabalhei com os alunos Miguel e Benjamin, dois estudantes que demonstram um nível de aprendizado mais avançado, especialmente quando comparados à aluna Elisa. Apesar de uma evolução notável, ambos ainda apresentam pequenas dificuldades em aspectos específicos, o que evidencia a necessidade de um acompanhamento contínuo e uma abordagem mais individualizada para fortalecer essas áreas. Uma observação interessante é que, durante a aula, os alunos folhearam os livros de forma independente, tentando ler sem recorrer imediatamente ao auxílio do professor. Esse comportamento pode ser interpretado como uma tentativa de autonomia no processo de aprendizagem, o que é positivo, mas também revela um certo receio ou insegurança quando se deparam com palavras mais desafiadoras.

A atividade que escolhi para trabalhar com eles foi um ditado de palavras com as letras **P** e **B**, com o intuito de reforçar a escrita e a percepção auditiva das letras que, muitas vezes, causam confusão. Para adaptar a atividade ao nível de cada um, separei os dois alunos, garantindo que eles pudessem se concentrar individualmente nas palavras que eu ditava. Ao longo do exercício, alternei entre palavras mais simples e outras mais complexas, ajustando a dificuldade conforme o progresso que observava em cada um. Essa alternância foi fundamental para que eles se sentissem desafiados, mas não sobrecarregados, ajudando-os a se manterem motivados e engajados na tarefa. A interação com os alunos naquele momento foi crucial para identificar as áreas que ainda precisam de mais atenção e, ao mesmo tempo, reforçar suas habilidades já desenvolvidas.

Após o ditado, realizei a correção individual ao lado de cada aluno. Para as palavras corretas, marquei com a letra "C" (de correto) e, para as palavras incorretas, expliquei detalhadamente onde estava o erro, abordando tanto a fonética quanto a ortografia. Pedi que



escrevessem a forma correta com caneta ao lado da palavra errada. Durante esse processo, aproveitei para reforçar a importância de ouvir com atenção durante o ditado e revisar o que foi escrito antes de considerar a palavra finalizada.

De acordo com Alves (2024), o contato precoce com a literatura desempenha um papel decisivo no desenvolvimento infantil, pois aumenta significativamente as chances de a criança se tornar um adulto leitor e favorece a construção de uma postura crítico-reflexiva, fundamental para a formação cognitiva. A autora também destaca que experiências literárias na infância estimulam a imaginação, fortalecem a concentração e a atenção e ampliam os conhecimentos sobre o mundo, contribuindo para que a criança compreenda melhor a si mesma e ao contexto em que vive.

Em outras palavras, a autora argumenta que o contato precoce com a literatura desempenha um papel crucial não apenas no desenvolvimento do hábito de leitura, bem como na formação de habilidades cognitivas importantes. Ao ser exposta à literatura desde cedo, a criança tende a se tornar um adulto leitor, o que, por sua vez, promove a capacidade de analisar criticamente o mundo ao seu redor. Além disso, a experiência com livros ajuda a criança a desenvolver a imaginação, a concentração e a atenção, qualidades essenciais para o aprendizado.

Além disso, utilizei a atividade retro como uma oportunidade de estimular a autoconfiança dos alunos, parabenizando-os pelos acertos e destacando o progresso individual. Notei que, ao corrigirem os próprios erros, os alunos demonstraram maior interesse em 2 aprimorar a escrita, reconhecendo que os erros fazem parte do aprendizado.

Naquele dia também foi contada a história “Espanto feliz”, de Clovis Levi, ilustrada por Ana Biscaia. De forma resumida, essa história retrata os decretos de um rei que decide proibir a morte, a velhice, o nascimento e, conseqüentemente, o passar do tempo. Utilizei todos os recursos disponíveis para deixar os alunos bastante entretidos. Ao término da história, fiz perguntas sobre o enredo, o que é fundamental para manter os alunos engajados e atentos.

Depois, propus uma discussão simples com a seguinte pergunta: O que faz você feliz? O objetivo dessa reflexão foi trabalhar as emoções e identificar o que proporciona felicidade às crianças. O resultado foi positivo, pois todos os alunos participaram e desenvolveram suas respostas com entusiasmo e criatividade, demonstrando que o objetivo da atividade foi atingido.

A pesquisa de Garcia (2018) reforça essa perspectiva, ao destacar que a leitura contribui não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a formação emocional e social



do sujeito. Ela argumenta que, ao ler, a criança tem a oportunidade de vivenciar novas experiências, identificar-se com personagens e compreender diferentes perspectivas, o que influencia diretamente sua construção identitária. Portanto, a leitura desempenha um papel fundamental na criação de uma imagem positiva e engajada do leitor, o que reflete diretamente na sua identidade ao longo da vida.

Dia 05/12/2024

No dia em questão, no primeiro momento, trabalhei com a atividade do livro sugerida pela professora da turma. Após concluir essa etapa, realizamos a contação de histórias, um momento muito esperado pelos alunos. A história escolhida foi "Hoje é amanhã?", escrita por Anna Claudia Ramos e ilustrada por Jonit Zilberman.

Para iniciar a contação, a preparação foi essencial a fim de garantir que o momento fosse cativante e envolvente. Comecei cantando uma música calma, o que ajudou a tranquilizar os alunos e captar sua atenção de forma suave. Apresentei o livro de maneira intrigante, mostrando a capa e incentivando os alunos a refletirem sobre o que poderia acontecer na história. Antes de começar a narração, também preparei uma dinâmica especial, explicando que isso tornaria o momento ainda mais participativo. Essa preparação não só ajudou a criar uma atmosfera acolhedora, bem como estimulou a curiosidade e o engajamento das crianças, garantindo uma experiência rica e envolvente.

Levei dois cartões ilustrados representando emoções — um com a expressão de dúvida e outro com felicidade. Expliquei que, durante a história, faria perguntas sobre os sentimentos da personagem, e eles deveriam levantar a plaquinha correspondente: dúvida ou felicidade. Essa dinâmica foi um sucesso! Os alunos ficaram bastante atentos e engajados, tentando adivinhar as emoções em cada parte da narrativa.

Ao final da história, para reforçar a conexão com o tema, fiz algumas perguntas reflexivas, relacionadas tanto à história quanto ao cotidiano deles:

- O que você gosta de fazer no seu dia de hoje?
- O que você acha que vai acontecer no seu amanhã?
- Qual é a coisa mais divertida que você já fez hoje?
- Se você pudesse escolher uma coisa para fazer amanhã, o que seria?

Os alunos participaram com entusiasmo, compartilhando suas ideias e experiências. Infelizmente, não foi possível realizar atividades complementares, pois a escola precisou liberar



os alunos mais cedo. Apesar disso, foi um dia muito produtivo e significativo, com ótimos momentos de interação e aprendizado.

Para desenvolver o gosto pela leitura, é necessário enfrentar o desafio das práticas de leitura literária na escola traz uma perspectiva importante sobre o compromisso da educação nesse processo. De fato, a escola tem um papel crucial na formação de leitores, mas as formas como as práticas de leitura literárias são implementadas é essencial para que o objetivo de cultivar o hábito de ler seja alcançado de maneira significativa.

Muitas vezes as abordagens tradicionais, que se limitam a ensinar apenas a técnica da leitura, sem conectar o conteúdo literário ao contexto e às experiências de vida da criança, podem não ser eficazes para despertar o interesse genuíno pela leitura. Quando se diz que é necessário adotar uma abordagem "cuidadosa e contextualizada", sugere-se que a leitura deve ser um processo envolvente, que valorize as experiências e interesses dos alunos, tornando os livros mais próximos de suas realidades e, por conseguinte, mais atrativos.

Existe, no entanto, um desafio crítico, pois é fato que, muitas vezes, as escolas enfrentam limitações estruturais, como a falta de recursos, a escassez de materiais adequados e a sobrecarga de conteúdo curricular. Isso pode dificultar a implementação de práticas de leitura verdadeiramente eficazes, que não sejam apenas formais, mas que incentivem, de fato, o prazer e o hábito da leitura. Além disso, o incentivo à leitura não deve ser restrito ao ambiente escolar. A formação de leitores críticos e contínuos também depende da criação de um ambiente familiar e social que valorize a leitura, algo que muitas famílias, especialmente em contextos de vulnerabilidade, podem não ter condições de proporcionar.

Oliveira (2024) destaca a importância de entender a alfabetização e o letramento como processos interligados e que vão além da mera habilidade de decodificar palavras. Ao inserir a criança na prática da leitura e da escrita, é fundamental que o ensino não se restrinja apenas ao ato mecânico de reconhecer palavras, mas que também envolva a compreensão do que está sendo lido, o que amplia a capacidade de interpretação e reflexão crítica sobre o texto.

O enfoque referido acima está alinhado à ideia de que a alfabetização não deve ser vista apenas como um objetivo técnico, mas também como um processo cultural e cognitivo mais profundo. O ensino da leitura e da escrita precisa ser planejado de forma a estimular a criança a se envolver com o texto de maneira mais significativa, despertando o prazer pela leitura (leitura de fruição). Dessa forma, o objetivo não é ensinar as técnicas de leitura, mas cultivar o gosto e o hábito de ler, promovendo uma experiência de leitura que seja prazerosa e que incentive a continuidade desse hábito ao longo da vida.



Na prática, muitos desafios podem surgir, como a falta de recursos pedagógicos adequados ou a escassez de tempo para trabalhar a leitura de forma mais aprofundada. Além disso, esse tipo de abordagem exige professores bem preparados e capacitados para identificar as necessidades e os interesses dos alunos, personalizando o ensino para que ele seja realmente eficaz. Embora o objetivo de desenvolver a leitura de fruição seja fundamental, a implementação dessa proposta deve ser cuidadosa e adaptada à realidade da sala de aula e às condições de ensino.

CONCLUSÃO

Nosso estudo, ao evidenciar que o potencial formativo do material não reside apenas na presença de estratégias, mas na articulação entre proposta didática, princípios da BNCC e práticas efetivas de ensino, oferece subsídios tanto para professores quanto para pesquisadores interessados na leitura em língua inglesa na escola pública. A partir das atividades de contação de histórias descritas e relacionadas às teorias dos autores estudados, é possível observar a aplicação prática de conceitos fundamentais sobre o desenvolvimento do gosto pela leitura e da alfabetização. O processo de leitura deve ser compreendido como uma experiência que ultrapassa a simples decodificação de palavras, englobando a compreensão do conteúdo, a interpretação e o prazer em ler. O relato das atividades evidencia como o envolvimento das crianças com histórias, o uso de recursos lúdicos e dinâmicas interativas despertam o interesse pela leitura, essencial para o desenvolvimento do letramento e da alfabetização.

A contação de histórias e as atividades complementares, como caça-palavras e jogos de bingo, ilustram a aplicação do conceito de "leitura de fruição", e "leitura deleite". A experiência demonstra que, para que os alunos se tornem leitores fluentes e críticos, é fundamental que o ambiente escolar adote uma abordagem lúdica e contextualizada, considerando as vivências e emoções das crianças em relação aos textos. Essa abordagem possibilita um aprendizado prazeroso e significativo, favorecendo a apropriação dos conteúdos de forma mais ampla e duradoura.

As contações de histórias ocorreram com as crianças acomodadas em círculos, num ambiente climatizado e aconchegante. Antes da contação, as crianças eram preparadas para ouvir a história com um conto. A contação era iniciada com a apresentação do título, do autor e do ilustrador.



Com base nos dados obtidos ao longo desta pesquisa, é possível responder pontualmente os questionamentos propostos inicialmente com relação a como ocorreram as contações de histórias na turma, observou-se que a prática foi desenvolvida de maneira semanal durante um mês e meio com uma turma do 1º ano do ensino fundamental. As sessões foram cuidadosamente planejadas e iniciadas com estratégias de acolhimento, como o uso de jaleco caracterizado, músicas suaves e objetos sensoriais (como garrafas com milho para produzir sons). Após esse momento introdutório, a história era contada com o auxílio de imagens e, em seguida, eram realizadas atividades pedagógicas variadas, sempre alinhadas às dificuldades e interesses dos alunos.

Quanto aos benefícios apresentados na contação de histórias apontados na literatura, a pesquisa bibliográfica evidenciou que essa prática promove o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Os autores consultados destacam que a contação de histórias estimula a imaginação, enriquece o vocabulário, fortalece a atenção e a concentração, desenvolve a criatividade e incentiva a formação da identidade leitora. Além disso, é apontada como um caminho para a construção de uma leitura crítica e reflexiva, contribuindo diretamente para o processo de alfabetização e letramento e o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Com relação as metodologias que mais despertaram o interesse das crianças, constatou-se que atividades lúdicas e interativas foram as mais eficazes. Elementos como fantoches, sons, recursos visuais, jogos pedagógicos (como bingo e caça-palavras), dinâmicas reflexivas e a utilização da lousa digital potencializaram o engajamento dos alunos. A diversidade de abordagens, aliada ao respeito ao ritmo individual de cada criança, mostrou-se fundamental para manter o interesse e promover avanços no aprendizado.

Por fim, com relação as dificuldades que foram encontradas na contação de histórias, identificaram-se alguns desafios importantes. Houve, inicialmente, certa resistência por parte de algumas crianças, que foi superada com o uso de recursos criativos. Observou-se também a escassez de acesso à biblioteca escolar devido à falta de funcionários, bem como à realidade de muitas famílias em situação de vulnerabilidade, o que limita o contato das crianças com os livros fora da escola. Além disso, destacam-se a sobrecarga curricular e a falta de formação continuada, voltadas para a importância do ato de ler, de professores como fatores que ainda dificultam a implementação contínua dessa prática no cotidiano escolar.

Este estudo é fundamental para o Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe (DED), e para os futuros pedagogos, porque articula teoria e prática no campo da



alfabetização e letramento, evidenciando metodologias que podem ser aplicadas tanto no ensino presencial quanto no ensino remoto ou híbrido. A partir das práticas de contação de histórias e das atividades lúdicas relatadas, a pesquisa demonstra como estratégias pedagógicas centradas no prazer pela leitura e no desenvolvimento da competência leitora contribuem significativamente para a formação do gosto pela leitura.

Outro ponto de relevância é a análise crítica dos desafios enfrentados no contexto educacional, como a falta de acesso à biblioteca e a necessidade de formação continuada dos docentes com foco na formação do leitor. Isso contribui diretamente para que o DED repense suas propostas formativas, oferecendo suporte teórico e prático aos futuros professores, capacitando-os para atuarem com mais criatividade, empatia e eficácia, tanto no ensino presencial quanto nas modalidades a distância e híbrida.

Portanto, este trabalho não apenas reforça os fundamentos pedagógicos defendidos pelo DED, mas também oferece contribuições práticas para a melhoria da qualidade da educação, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento do letramento, da alfabetização e da formação de leitores críticos e autônomos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- ADRIANO, Renata. **Ler e contar**: a formação do leitor como um triângulo amoroso. Instituto Ecofuturo, 2010. Disponível em: <http://www.ecofuturo.org.br/ler-e-contar-a-formacao-do-leitor-como-um-triangulo-amoroso/> Acesso em: 12 maio 2025.
- ALVES, Vitória Gabriella Alves dos Santos. **O papel da literatura infantil na formação das crianças leitoras**: um estudo de caso no 1º ano do ensino fundamental. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.
- CARVALHO, Tonio. **A menina que não tinha medo de nada**. São Paulo: Imperial Novo Milênio, 2009.
- CHAMPLONI, Hiolene de Jesus Moraes Oliveira. Formação de leitor: o despertar de um mundo novo. **Papéis**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 42, 2017. ISSN 2448-1165.
- FUNDAÇÃO ARTHUR DE CAMPOS GONÇALVES (FADC). **A importância da leitura para o desenvolvimento das crianças**. 2024. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/a-importancia-da-leitura-para-o-desenvolvimento-das-criancas> Acesso em: 13 nov. 2024.



FUNDAÇÃO ABRINQ. **Leitura:** como a prática estimula o desenvolvimento das crianças e auxilia no estresse em meio à pandemia. 2021. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/a-importancia-da-leitura-para-o-desenvolvimento-das-criancas> Acesso em: 21 fev. 2025.

GARCIA, Régis de Azevedo Garcia. **Lendo o outro, lendo a si mesmo:** A importância da leitura e da literatura na formação da identidade do sujeito leitor. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/modosdelerescrever/files/2018/09/RegisGarcia.pdf> Acesso em: 21 mar. 2024.

LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 1982. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18022> Acesso em: 20 mar. 2024.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEVI, Cláudia Levi. **Espanto Feliz**. São Paulo: Editora Viajante do Tempo, 2015.

OLIVEIRA, Deyvid Fernando Nascimento. **Leitura literária:** incentivo, práticas e possibilidades para as crianças do ensino fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de Oliveira. **Guia de contação de histórias**. Brasília: Ministério da Educação, 2021. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia_de_contacao_de_historias.pdf Acesso em: 31 maio 2025.

OLIVEIRA, Samantha Aniceto de; SCHERER JÚNIOR, Cláudio Roberto Antunes. A contação de histórias no ensino fundamental: fundamentos e planejamentos. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 13, n. 25, set. 2019. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1163> Acesso em: 27 mar. 2024.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes Rangel. **Literatura na escola:** espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2012.

RAMOS, Alessandra Cunha Ramos. **Hoje é Amanhã?**. São Paulo: Dueto, 2018.

ROCHA, Ruth. **O Reizinho Mandão**. Ilustrações de Walter Ono. São Paulo: Editora Salamandra, 2013.



- SANTOS, Natália dos Santos. **Incentivo às práticas de leitura deleite**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024a.
- SANTOS, Vitória Gabriella Alves dos Santos. **Incentivo às práticas de leitura infantil na formação das crianças leitoras**: um estudo de caso no 1º ano do ensino fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024b.
- SILVA, Ana Raquel dos Santos. **A leitura na perspectiva sociocultural dos teóricos Paulo Freire e Lev Vygotsky**. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.
- SILVA, Glendha Kelly de Araújo; GOMES, Aislla Maria de Araújo; LEMOS, Julie Aparecida de Almeida; ARAÚJO, Hilda Maria Lima; ALBANO, Ronaldo Albano. A contação de histórias como ferramenta que estimula o envolvimento da criança à leitura. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, VI, Fortaleza, 24–26 out. 2019. **Anais** [...]. Fortaleza: Realize, 2019.
- SOARES, Magda Becker Soares. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário Alves. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336> Acesso em: 24 mar. 2024.